

Japão insiste que o Brasil precisa ir ao FMI

JORNAL DO BRASIL

Tóquio — AFP

Tóquio — O ministro da Fazenda Dilson Funaro voltou a ouvir ontem das autoridades japonesas apelos para que o Brasil aceite a mediação do Fundo Monetário Internacional e adote imediatamente um programa de reforma econômica para obter o apoio dos países credores. Funaro porém rechaçou a idéia de recorrer ao FMI, afirmando que o povo brasileiro não tem boas lembranças da última atuação do Fundo no Brasil, na crise de 1982.

O ministro Funaro se reuniu com o primeiro-ministro Yasuhiro Nakasone, com o ministro da Indústria e Comércio Internacional, Hajime Tamura, com o presidente do Banco Central do Japão, Minoru Inque, e dirigentes de bancos privados, no último dia de sua excursão pelas principais nações industrializadas credoras do Brasil. De sua estada de três dias em Tóquio, Funaro volta porém com uma boa notícia: o Japão estuda investir mais cerca de 80 milhões de dólares nas fábricas da Albrás-Alunorte, em Barcarena, no Pará, um projeto que tem quase metade de capital japonês.

Depende do Brasil

O anúncio do interesse japonês de aumentar seu envolvimento nas duas fábricas de alumínio e o olumina de Barcarena foi feito pelo ministro Tamura, que qualificou o projeto de "símbolo da amizade Brasil-Japão". O ministro japonês desmentiu uma notícia veiculada pela agência Kyodo de que o novo financiamento já estava acertado e afirmou que sua aprovação depende de que o governo brasileiro demonstre disposição para aumentar também sua participação no projeto, com novos investimentos.

Em resposta a um pedido de Tamura para que o Brasil invista mais no projeto de Barcarena, Funaro respondeu que isto deverá ocorrer, até mesmo porque a produção da Albrás-Alunorte visa à exportação e rende divisas preciosas para a balança comercial brasileira.

O projeto de Barcarena envolve duas empresas binacionais, a Albrás, com 49% de capital japonês, e a Alunorte, com 39,2% de participação nipônica. O primeiro dos quatro módulos de 80 mil toneladas anuais de produção de alumínio da Albrás foi inaugurado pelo presidente José Sarney em outubro de 1985. Já a fábrica da Alunorte, que visa à produção de alumina, começará a funcionar em 1989, segundo o cronograma oficial, que prevê a fabricação de 800 mil toneladas anuais. A Vale do Rio Doce, é a parte brasileira do projeto; a Nippon Amazon Aluminium Com-

pany (Naac), um consórcio de 33 empresas e órgãos governamentais, representa o Japão.

De acordo com a Agência Kyodo, que ouviu fontes do próprio governo, a depreciação do dólar nos mercados cambiais internacionais e a crise da dívida brasileira tornaram as previsões iniciais para o projeto subdimensionadas e exigiram novos investimentos para poder tocar a obra. Até agora, já foram investidos cerca de 600 milhões de dólares na fábrica da Albrás em Barcarena.

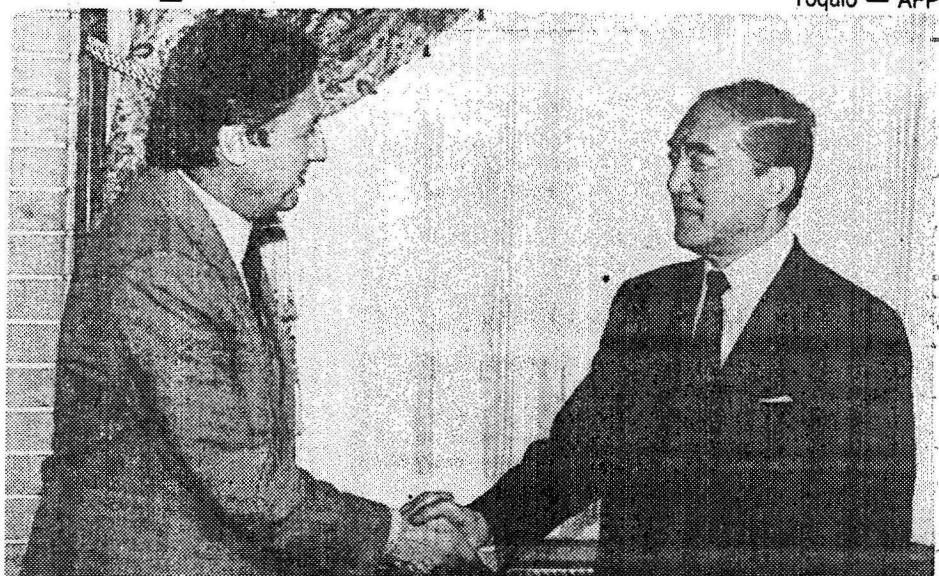
O encontro de Funaro com o primeiro-ministro Yasuhiro Nakasone não estava na agenda e durou apenas 15 minutos. Fontes oficiais disseram à Kyodo que Nakasone classificou de "lamentável" a decisão brasileira de suspender o pagamento dos juros da dívida e insistiu com Funaro na necessidade de que o Brasil aceite a mediação do FMI para estabelecer seus programas de reabilitação econômica. Antes, o ministro Tamura já havia lamentado a decisão, "que causou surpresa e confusão entre os banqueiros".

Nakasone teria dito ainda que o Japão não pode por si só resolver o problema brasileiro e que uma cooperação internacional é necessária. Porém, ressaltou o premier, segundo a Kyodo, "o Brasil deve apresentar um plano preciso de recuperação de sua economia para obter a compreensão de seus credores".

O presidente do banco central japonês, Minoru Inque, também insistira antes na necessidade de um programa de reformas na economia, segundo fontes bancárias ouvidas pela agência EFE, com a ressalva de que uma consulta ao FMI seria igualmente essencial.

Na véspera, Funaro já havia ouvido dos ministros das Finanças, Kiichi Miyazawa, e das Relações Exteriores, Tadashi Kuranari, apelos similares para recorrer ao FMI e ajustar a economia. Aos dois, Funaro reafirmou que o Brasil reclama uma agilização dos mecanismos de financiamento internacional e a redução dos juros dos créditos. Numa coletiva ao fim do dia na segunda-feira, Funaro disse ter encontrado "compreensão e clara vontade de cooperação" nos ministros Miyazawa e Kuranari.

O ministro brasileiro embarcou ontem mesmo rumo ao Rio de Janeiro e hoje ainda deverá seguir para Brasília. O presidente do Banco Central, Francisco Gros, que integrava a comitiva de Funaro, não completou sua viagem de volta, ficando em Nova Iorque para negociar com os bancos credores a prorrogação do acordo sobre as linhas de crédito a curto prazo.



Nakasone (D) disse a Funaro que lamenta a moratória do Brasil